



Universidade de São Paulo

Instituto de Relações Internacionais

BRI0001-2019 Temas e Prática em Relações Internacionais

TENDÊNCIAS GLOBAIS: RUPTURAS E DESAFIOS

PARTE I

Pedro Henrique Silva Alves

Graduando em Ciências Econômicas pela Faculdade de Economia, Administração e
Contabilidade da Universidade de São Paulo

Nº. USP: 10698255

São Paulo/SP

Outubro de 2019

1. Introdução

Esse trabalho, construído no modelo de ensaio, tem por objetivo analisar e comentar, sob uma perspectiva crítica, os seminários ministrados durante as aulas da primeira parte do curso de Temas e Prática em Relações Internacionais, organizado pelos professores Jacques Marcovitch e Pedro Dallari, ambos do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo.

Tratando neste semestre letivo sobre *Tendências Globais: rupturas e desafios*, o curso trouxe, em sua primeira parte, personalidades de relevância indiscutível, que levantaram interessantes discussões sobre diferentes pontos que perpassam o campo das relações internacionais e evidenciam o quanto essas estão em transformação. Realmente, existem tendências avançando pelo globo, alterando comportamentos e decisões que envolvem a globalização e a integração entre os Estados. Informações de como se dão esses movimentos, suas motivações e consequências compuseram o escopo dos seminários à nós ministrados. Foram eles:

- 1) *Origens e características das organizações multilaterais*, professor Pedro Dallari (IRI/USP)
- 2) *O Brasil no futuro do mundo*, professor Jacques Marcovitch (IRI/USP)
- 3) *Infraestrutura como pilar do desenvolvimento da América Latina*, Luiz Enrique García Rodríguez (Cátedra José Bonifácio)
- 4) *Conflitos armados e promoção da paz: Sérgio Vieira de Mello*, professor Pedro Dallari (IRI/USP)
- 5) *Tendências na ajuda humanitária e seus desafios*, Simone Casabianca-Aeschlimann (CICV para o Cone Sul)
- 6) *Tendências do mercado de capitais e seus desafios*, Roberto Teixeira da Costa (CEBRI)
- 7) *Tendências no comércio internacional e seus desafios*, Marcos Jank (Cátedra Luiz de Queiroz)

Para cada uma das palestras, realizarei uma apreciação da temática trabalhada, empreendendo minha visão crítica sobre os pontos levantados e argumentando a favor da tese acima disposta.

2. Origens e características das organizações multilaterais

Na aula de abertura do curso, o professor Pedro Dallari nos introduziu a um elemento fundamental para plena compreensão dos temas que seriam tratados posteriormente nas demais aulas: as organizações internacionais (OIs).

Sendo divididas em Organizações Intergovernamentais Internacionais (OIG), compostas por Estados, e Organizações Não Governamentais Internacionais (ONGI), tais instituições formam uma rede para a cooperação internacional:

A rede de organizações internacionais faz parte de um conjunto maior de instituições que garantem em certa medida a governança global. Normas, regras, procedimentos para a resolução de disputas, ajuda humanitária, a utilização da força militar, programas de assistência ao desenvolvimento, mecanismos para coletar informações são algumas das práticas que produzem a governança global. (HERZ & HOFFMAN, 2004, p. 10)

A partir dos séculos XIX e XX, principalmente, com as inovações tecnológicas nos transportes e comunicações, o mundo se viu integrado e interativo. Os mais diversos Estados passaram a ter conexões e as relações internacionais tornaram-se uma realidade. A globalização atingira seu ápice, e nesse contexto, fizeram-se necessárias a criação de regras e políticas públicas comuns, válidas internacionalmente, a fim de regular os processos de intercâmbio e garantir uma interação harmônica. Surgem assim as instituições internacionais, sejam elas OIGs ou ONGIs.

Em nosso curso, as OIGs são o objeto de destaque. Formadas por Estados – e por iniciativa destes - ou outras OIs, elas são constituídas por meio de tratados e são dotadas de personalidade jurídica internacional. Essas Organizações são, segundo Herz & Hoffman (2004), mecanismos de cooperação entre atores do sistema internacional e, ao mesmo tempo, atores por si só, podendo possuir, portanto, autoridade e poder no dito sistema.

Por fim, fica para nós evidente a relevância das Organizações Internacionais, criadas para administrar a cooperação e instituir normas necessárias num mundo fortemente interligado. Embora existam debates sobre sua influência e a legitimidade de suas ações, não há dúvida que tais entes são de papel essencial na governança internacional e na garantia de uma geopolítica pacífica e progressista.

3. O Brasil no futuro do mundo

Ainda numa linha de introdução do curso, o professor Jacques Marcovitch nos leva a refletir sobre as tendências, rupturas e desafios de um mundo e de um Brasil em transformação. O aumento da população, a intensificação da urbanização e o incremento nos meios de transporte são exemplos claros da direção que os movimentos globais tem tomado. Além disso, nesse contexto de expansão populacional urbana, é evidente que a energia, comunicação, alimentação e as questões ambientais e climáticas se tornam pautas de extrema relevância quando colocadas e observadas da perspectiva sustentável. Como garantir boas condições de vida às atuais gerações, e às outras que virão? Como mitigar as incertezas sobre o futuro?

Econômicos, geopolíticos, tecnológicos e ambientais... são de várias naturezas os riscos que envolvem os movimentos observados atualmente pelo globo. A superação de tais empecilhos se torna, então, necessária para que a almejada sustentabilidade seja alcançada, tendo como ferramentas para tal a ciência e a tecnologia, com seus avanços diários.

Falando um pouco sobre o Brasil, nossos desafios foram colocados em destaque: educação, segurança sanitária, energia, segurança alimentar, ciência e recursos naturais. Todos esses temas precisam ser trabalhados, para que tenhamos um futuro significativo como país e como Nação. Mas como trabalhar tais temas? Bem, o próprio professor nos deu algumas dicas: Ter consciência disseminada dos riscos; capacidade de inovação e contínuo reposicionamento das organizações são alguns dos caminhos que nos levarão à um Brasil do amanhã, mais sustentável e mais desenvolvido.

Finalizo com o oportuno escrito do professor Marcovitch (2013): “Sendo impossível mudar o passado, e considerando que as realizações do presente foram imaginadas antes, cabe aos indivíduos responsáveis zelar, nos dias de hoje, pelo meio em que viverão seus descendentes”. Cabe a nós todos, indivíduos responsáveis, criar o futuro, e que seja um futuro melhor, mais conciliador e mais integrado, onde as ameaças sejam vistas não só como dificuldades, mas também como oportunidades.

4. Infraestrutura como pilar do desenvolvimento da América Latina

Dando continuidade aos trabalhos da disciplina, tivemos a honra de assistir uma assertiva exposição feita por Luiz Enrique García Rodríguez acerca da América Latina: suas tendências, desafios e suas possibilidades de desenvolvimento ligadas à infraestrutura.

A chamada América Latina, segundo Ailton de Souza (2011), compreende 700 milhões de habitantes distribuídos em 33 países ao sul do Rio Grande, que separa os EUA do México. Ressaltando a atual importância econômica das commodities para a região, García classificou a região como um “barco a vela”, à mercê de variações do mercado. Contudo, essa situação poderia ser alterada à medida que se promove um desenvolvimento regional, pautado em alguns pilares: (i) Estabilidade macroeconômica; (ii) Instituições eficientes; (iii) Tecnologias de comunicação; e, principalmente, (iv) Infraestrutura.

Dando foco aqui na infraestrutura, não são poucos os que defendem o investimento em serviços básicos como base para o desenvolvimento: Daniel Alves Hernandez (2015) escreve que um ambiente de incentivo governamental à infraestrutura cria condições para o progresso; Paul Procee (2019), líder para infraestrutura no Brasil do Banco Mundial, afirma que projetos de longo prazo nessa área garantiriam aumento da produtividade econômica e redução da desigualdade social no país. Nessa linha, García é categórico ao ressaltar a importância de elementos como educação e saúde de qualidade, geração de empregos e inclusão social para a elaboração de uma agenda desenvolvimentista de longo prazo, integral, eficiente e sustentável, que contemple não só o Brasil, mas a América Latina.

Temos então outra questão relevante: a integração regional, uma vez que as conexões entre os países latino-americanos são ainda bastante precárias. Fazem-se necessárias, portanto, ações governamentais que criem “pontes” conectivas regionais tais como linhas de transporte, sistemas de comunicação e redes de energia, sendo estes bons exemplos de medidas integradoras. Desse modo, através da adoção de um plano de desenvolvimento à nível regional, a América Latina poderá prosperar e tornar-se uma região de importância relativa incontestável.

5. Conflitos armados e promoção da paz: Sérgio Vieira de Mello

Sérgio Vieira de Mello, brasileiro, foi funcionário público internacional por 34 anos, tendo atuado em diversas missões da Organização das Nações Unidas. Dentre elas, podemos destacar a sua atuação em Camboja, onde coordenou a repatriação de cerca de 360 mil refugiados; e a de maior destaque, em Timor Leste, onde literalmente ajudou a construir um Estado, que estava se tornando independente. Foi o brasileiro mais promissor na ONU, atingindo altos cargos e levando a campo uma mensagem de defesa da democracia e dos direitos e valores humanos.

Essas informações eram desconhecidas para mim - e tenho certeza que para muitos(as) outros(as) colegas - até a exibição do documentário tratando sobre sua trajetória assistido no âmbito da disciplina. Que enriquecedora foi aquela hora! É inspirador o amor e a dedicação de Sérgio - tomo a liberdade de chamá-lo assim - às pessoas que ia ajudar, sempre com o sorriso no rosto e, segundo o narrador do documentário, com as palavras certas na boca.

Nesse sentido, o seguinte questionamento me parece pertinente: por que muitas pessoas - inclusive eu - não conhecem a vida e trajetória de Sérgio? Suas motivações e realizações são dignas de uma celebridade mundialmente conhecida, porém, seu legado parece ser, em grande parte, anônimo. Por qual razão não o vemos como um herói nacional, título que ele com certeza merece, e damos banalmente esse mesmo título à personalidades fúteis e pouco representativas?

Em seu capítulo “Um Brasileiro na História do Mundo”, o professor Jacques Marcovitch (2004) nos dá alguma luz sobre isso, afirmando que os grandes mitos que alimentam os orgulhos nacionais costumam vir da guerra, e não da paz. Sérgio, com certeza, foi um homem da paz. Ademais, ele não estava subordinado aos interesses de nenhum Estado, mas à sua causa maior: o amor ao mundo.

Mas ainda questiono-me: por que o Brasil não conhece Sérgio? Devemos expandir seu legado, disseminar sua história e manter vivos os pensamentos e ideais desse tão extraordinário brasileiro, mártir-herói, como citou o professor Marcovitch, para que sirvam de inspiração de vida significativa para muitos(as) outros(as) brasileiros(as), assim como serviram para mim.

6. Tendências na ajuda humanitária e seus desafios

As Convenções de Genebra e seus protocolos adicionais compõem o núcleo do Direito Internacional Humanitário (DIH), que regulamenta a condução dos conflitos armados, buscando limitar seus efeitos especialmente àqueles que não participam das hostilidades e aos que deixaram de participar. Para a promoção do DIH, surge a Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), atuante em 90 países e com a função, segundo Simone Casabianca-Aeschlimann, chefe da delegação regional para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, de proteger e assistir.

Atualmente, são várias as tendências que acabam influenciando a ajuda humanitária, principalmente nas ações do CICV, como a escassez de recursos, obtidos apenas por doações; as dificuldades em acesso à zonas afetadas e segurança dos voluntários; e as políticas internas dos países, que vêm a instituição com desconfiança.

Já em relação aos desafios, entre os tópicos de mudanças climáticas, transformação digital entre outros, Simone Casabianca-Aeschlimann salienta, e com razão, a questão da multiplicação e duração mais prolongada dos conflitos, o que acaba demandando mais no sentido de ajuda humanitária. Tal informação foi inclusive destacada no relatório de Dados Humanitários Mundiais e tendências 2018, publicado no fim do referido ano pelo Escritório das Nações Unidas para Assuntos Humanitários:

As crises humanitárias estão aumentando em número e em duração. Entre 2005 e 2017, a duração média dessas situações com apelo de ajuda de várias instituições subiu de quatro para sete anos. O número de crises que recebe apoio internacional quase dobrou de 16 para 30. (ONU NEWS, 2018)

Diante de tantas adversidades, como a ajuda humanitária deve se preparar para o futuro? Para nossa palestrante, o engajamento, o foco na prevenção e o estabelecimento de objetivos e metas são fundamentais, e eu certamente concordo com ela. Contudo, dou mais foco a um objeto citado pela chefe regional do CICV e que considero essencial para a superação dos ditos desafios: a agenda para 2030. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são caminhos eficientes para a construção de um futuro promissor, onde as tendências que condicionam as ações humanitárias, e tantas outras, sejam ao menos um pouco mais positivas.

7. Tendências no mercado de capitais e seus desafios

No dia 18 de setembro de 2019, o Comitê de Política Econômica (Copom) do Banco Central anunciou uma redução da taxa básica de juros da economia de 6% para 5,5%, a menor da série histórica do Banco Central. Com a decisão, o diferencial entre taxa de juros e a meta de inflação anual (4,25%) é de apenas 0,75%, e, conforme citou Roberto Teixeira da Costa em seu seminário: “é o menor de nossa história”. Esse comportamento da taxa de juros reflete uma tendência mundial de juros decrescentes, que convergem para zero.

Esse movimento da taxa de remuneração do capital derruba os rendimentos em títulos de renda fixa, como a poupança e o Tesouro Direto, e promove uma migração de investidores para a aquisição de títulos de renda variável, como ações negociadas na bolsa de valores, que são naturalmente de maior risco.

Em sua fala, Roberto Teixeira da Costa colocou o mercado de capitais como importante fator de desenvolvimento. E é verdade. Segundo estudo da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (AMBIMA) e da B3, realizado em 2018:

A expansão do mercado de capitais poderia gerar quase 2 milhões de empregos e 20% no investimento. Além disso, a cada 1% de crescimento na relação entre o tamanho do mercado de capitais e o PIB, o Brasil ganha 0,3% de aumento de renda per capita, que chegaria a quase R\$ 39 mil em 2022. Um aumento de 12% em cinco anos. (AMBIMA & B3, 2018)

Assim, podemos dizer que a ampliação do mercado de capitais no Brasil proporcionaria não só desenvolvimento econômico, mas também social do país, na medida que gera empregos e renda.

Além disso, embora nosso palestrante não tenha feito grandes menções à tal ponto, levantarei um breve e necessário apontamento às famosas criptomoedas, tendência inquestionável no mercado financeiro internacional. Elas são ativos digitais, não atrelados a bancos ou governos, que vem entrando na carteira de investimentos de cada vez mais pessoas, evidenciando transformações nas conjunturas do sistema.

Enfim, é imediato que o mercado de capitais no Brasil está mudando. Os títulos digitais, as quedas dos juros e as migrações entre tipos de investimentos são novidades com as quais os investidores devem aprender a lidar.

8. Tendências no comércio internacional e seus desafios

O catedrático Marcos Jank começa sua apresentação com um panorama da Ásia, que tem reemergido graças ao crescimento de renda *per capita* e ao processo acelerado de urbanização. Absorvendo parte do PIB da Europa e dos EUA, o continente possui o maior potencial de demanda mundial, concentrando, em 2016, 4,463 bilhões de pessoas.

Nesse cenário de grandes possibilidades, a estrela é a China. O país vem recuperando, e já o fez em grande parte, seu status de potência mundial, com uma política de longo prazo com enfoque em infraestrutura e comércio fortes. A guerra comercial entre China e EUA, primeira guerra hegemônica do século XXI, evidencia a importância da China do cenário geopolítico internacional, principalmente no que se refere às relações de trocas.

Principal parceira comercial do Brasil hoje, recebendo quase 40% dos nossos exportados, a China enfrenta escassez de recursos agrícolas, enquanto o Brasil é o 3º maior exportador agro do mundo. Há então, segundo o próprio Jank, um casamento natural. Contudo, a pauta brasileira para a China é centralizada em poucas commodities, como a soja, comprada pelos chineses para servir de base proteica para sua pecuária. Um desafio, então, é diversificar a pauta, aumentando o valor agregado, ao exportar não só commodities, mas produtos acabados.

Além disso, retomando a guerra comercial EUA e China, Marcos Jank aponta, que no curto prazo, o Brasil deve se beneficiar do aumento tarifário, uma vez que seu mercado se torna uma alternativa muito viável para a China. Contudo, pensando numa perspectiva mais a longo prazo, poderá ocorrer um acordo entre os americanos e chineses que termine com a guerra, e esse acordo pode fazer com o Brasil perca mercados, uma vez que os EUA são nosso principal concorrente no agronegócio, inclusive nas commodities.

Desse modo, observamos que o cenário do comércio internacional mundial, principalmente ao que tange o Brasil, tem sido fortemente influenciado pela guerra comercial. Precisamos, portanto, tomar medidas para que o país estabeleça conexões com os dois lados, diversificando a pauta e garantindo assim uma balança comercial estável independente do resultado da “briga de elefantes”, como diz Jank.

9. Conclusão

Como podemos evidenciar durante as setes aulas da primeira parte do curso de Temas e Prática em Relações Internacionais, o mundo está em transformação. Mudanças no modo como as organizações internacionais são vistas, mudanças nas perspectivas do futuro do Brasil, mudanças nos planos de desenvolvimento regional da América Latina, mudanças no tratamento de conflitos armados e suas consequências humanitárias, mudanças nos movimentos financeiros, mudanças nas relações de trocas entre os países... Elas estão por toda parte, e com elas, os desafios.

Mas o que significa mudar? É bom? É ruim? Depende. Algumas modificações vem para o bem, trazendo modernidade e inovações que facilitam as relações e geram ganhos gerais. Outras causam mais retrocesso do que avanço, retomando ideias e ações que já pensávamos superadas. Mas de qualquer modo, estamos em deslocamento, andando para frente ou para trás num caminho que nunca vai terminar: o da busca pelo “ideal”. Não vou empreender aqui uma reflexão do que é o ideal, é algo muito subjetivo... mas nos dirigimos para ele, ou pelo menos tentamos, e cada mudança é um passo nesse caminho, ao longo do qual vamos aprendendo com os desafios e crescendo como seres humanos, tendo incentivos a continuar a jornada. Desse ponto de vista, que bom que estamos em movimento, e não só acomodados em algum ponto do trajeto.

REFERÊNCIAS

AS CONVENÇÕES de Genebra de 1949 e seus Protocolos Adicionais. *Comité Internacional da Cruz Vermelha*, 2010. Disponível em: <<https://www.icrc.org/pt/doc/war-and-law/treaties-customary-law/geneva-conventions/overview-geneva-conventions.htm>>. Acesso em 21 de setembro de 2019.

BIOGRAPHY. *Sérgio Vieira de Mello Foundation*. Disponível em: <<http://www.sergiovdmfoundation.org/about-sergio/biography/>>. Acesso em 20 de setembro de 2019.

COMO o agronegócio pode avançar mais no mercado global. *Jornal da USP*. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/como-o-agronegocio-pode-avancar-mais-no-mercado-global/>>. Acesso em 29 de setembro de 2019.

COSTA, Roberto Teixeira da. Perspectivas para o mercado. *O Globo*, 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/artigo-perspectivas-para-mercado-23872483>>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

ELIAS, Juliana. Com juros baixos, como ampliar os rendimentos sem sair da renda fixa. *Exame*, 2019. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/com-juros-baixos-como-ampliar-os-rendimentos-sem-sair-da-renda-fixa/>>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

HERNANDES, Daniel Alves. *Infraestrutura e desenvolvimento*. Dissertação (mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

HERZ, Monica & HOFFMAN, Andrea Ribeiro. Organizações Internacionais: Definição e História. In: *Organizações Internacionais: histórias e práticas*. 10ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 09-32.

JANK, Marcos. Os desafios globais do agronegócio. *Jornal da USP*. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/os-desafios-globais-do-agronegocio/>>. Acesso em 29 de setembro de 2019.

MARCOVITCH, Jacques. Um Brasileiro na História do Mundo. In: *Sérgio Vieira de Mello: Pensamento e Memória*. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 13-26.

MERCADO de capitais é ferramenta indispensável para o desenvolvimento econômico e social do país. *Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (ANBIMA)*, 2018. Disponível em:

<https://www.anbima.com.br/pt_br/noticias/mercado-de-capitais-e-ferramenta-indispensavel-para-o-desenvolvimento-economico-e-social-do-pais.htm>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

NUNES, Fernanda. Quem foi Sérgio Vieira de Mello, e os filmes sobre sua trajetória. *Jornal Nexo*. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/08/20/Quem-foi-S%C3%A9rgio-Vieira-de-Mello.-E-os-filmes-sobre-sua-trajet%C3%B3ria>>. Acesso em 20 de setembro de 2019.

ONU anuncia tendências na ajuda humanitária. *ONU News*. Disponível em <<https://news.un.org/pt/story/2018/12/1653712>>. Acesso em 21 de outubro de 2019. setembro de 2019.

SOUZA, Ailton de. *América Latina, conceito e identidade: algumas reflexões da história*. Pracs: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, 4: p. 29-39, Macapá, dez. 2011.

TREVISAN, Karina. Juros começam a cair e podem impulsionar investimentos em meio à marcha lenta da economia global. *G1*, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/08/03/juros-comecam-a-cair-e-podem-impulsionar-investimentos-em-meio-a-marcha-lenta-da-economia-global.ghtml>>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

UM BRASIL. Investimento em infraestrutura potencializa desenvolvimento econômico. *InfoMoney*, 2019. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/colunistasum-brasil/investimento-em-infraestrutura-potencializaria-desenvolvimento-economico>>. Acesso em 20 de setembro de 2019.